

Competência tem sexo?

Bernardo Pires de Lima
Investigador do IPRI-UNL e colunista
do Diário de Notícias

Sabem o que têm em comum Ruanda, Suécia, Cuba, Finlândia, Holanda, Argentina, Dinamarca, Angola, Costa Rica e Espanha? São os dez países no mundo com maior taxa de representação feminina nos parlamentos. Em alguns não passará de pura cosmética política para ornamentar regimes dignos do paleolítico. Outros serão genuinamente construtores de sociedades meritocráticas com uma fanfarrone machista a perder gás. Haverá ainda países onde a representatividade feminina na política é imposta por lei, para acelerar um processo de paridade que a sociedade por si não é capaz de fazer virar. Não há uma única razão para o facto e a tela de cores que pintam as condicionantes individuais e culturais em redor da participação das mulheres na política acaba por ser directamente proporcional às existentes noutras actividades exigentes.

Há duas perguntas que invariavelmente se colocam. Porque não surgem mais mulheres no topo da política? Um país é mais bem governado se a sua elite política for maioritariamente composta por mulheres? Em resposta à primeira: Lagarde é líder do FMI porque tem vontade e competência para tal. Merkel é chanceler alemã porque quer estar de pedra e cal na política e tem competência. Dilma é presidente porque respira política e tem ganas de triunfar. Bachelet foi presidente do Chile por mérito e excelência. E a lista podia ir por aí fora. À segunda, diria que Le Pen, lá por se chamar Marine, não me tranquiliza mais no Eliseu do que o senhor seu pai no mesmo posto. Por outras palavras, uma sociedade não é mais justa, igualitária e desenvolvida se homens e mulheres repartirem cargos de forma aritmética. Ela cumpre esses critérios se o mérito for regra desde os bancos da escola, a exigência reconhecida como padrão, a competência for o verdadeiro factor C e a disponibilidade para a desgastante actividade política de topo for total. E, no fim, se os elegermos depois de os avaliarmos positivamente. Nenhuma dessas características tem sexo. Mas todas distinguem as sociedades livres e justas das empedernidas e opressoras.

financiamento. E nem quando a CDU preferiu Edmund Stoiber como candidato às eleições de 2002, por considerar que faltava carisma à sua líder, Merkel desanimou. O bávaro foi derrotado e a «vingança» chegaria em 2005, quando Merkel se tornou na primeira mulher chanceler da Alemanha.

Com um visual renovado, Merkel provou desde então que a competência chega para se impor. De tal forma que em 2009 os alemães lhe garantiram a reeleição e hoje já ninguém fala de falta de carisma. A líder que manteve a quarta economia três por cento

Colorada em 16.ª na lista das mulheres mais poderosas da *Forbes* em 2010, a filha de um imigrante búlgaro herdou um país em forte crescimento – é já a sétima economia mundial – e que nos últimos anos tirou vinte milhões da pobreza.

Nos primeiros meses a presidenta, como gosta de ser tratada, fez questão de mostrar que não é clone do antecessor – sobretudo na diplomacia, afastando-se do apoio dado por Lula ao Irão. Mas nenhum político desperdiçaria os oitenta por cento de popularidade do ex-sindicalista. Por isso, Dilma pro-



■ Sarah Palin

■ Dilma Rousseff

■ Angela Merkel

em 2010, ganhou também créditos a nível europeu, tornando-se na mulher-forte da União Europeia. No texto que escreveu sobre a alemã para a lista dos cem mais poderosos da *Time*, a própria Lagarde explica que o «extraordinário talento» faz de Merkel a «presidente de facto» da Europa.

Em 2010, uma das maiores democracias do mundo, o Brasil, elegeu a sua primeira presidente. E se Dilma, que tomou posse a 1 de Janeiro, ainda tem de provar que mereceu a confiança dos eleitores, o seu currículo fala por ela. A ex-guerrilheira presa durante a ditadura começou por se destacar na política como ministra da Energia, capaz de resolver os constantes cortes de electricidade. O seu desempenho valeu-lhe o convite de Lula da Silva para a pasta da Casa Civil, espécie de primeiro-ministro do Brasil.

meteu seguir as suas políticas, sobretudo económicas e sociais, com a redução da pobreza para metade como objectivo até 2015. Para isso, conta continuar com programas como Bolsa Família e Fome Zero.

A Índia, outra economia emergente, também é presidida por uma mulher. Mas o cargo de Pratibha Patil é sobretudo honorífico. Escolhida pelo Parlamento, a chefe do Estado não contribui para colorir as fotos de família do G20. Isto porque o gigante indiano, que este ano ultrapassou os 1200 milhões de habitantes, se faz representar pelo primeiro-ministro Manmohan Singh. Antiga governadora do Rajastão, Patil, de 76 anos, fez a carreira de advogada na defesa das mulheres pobres. Mas a verdadeira mulher-forte da Índia é Sonia Gandhi. Nora da primeira-ministra (continua na pág. 30) »